

**ASPECTOS DA MITOLOGIA AFRO-BRASILEIRA
NA OBRA “FESTA DO BOMFIM”**

Taisa Maria Souza⁵⁸(UNEB)

souzataisa655@gmail.com

Gildecide Oliveira Leite (UNEB)

gildecileite@gmail.com

RESUMO

O presente estudo é um dos frutos do subprojeto de Iniciação Científica “Oloíê Zora Seljan e sua *Festa do Bomfim*”. O referido subprojeto compõe o projeto “Xangô, a corte de Orixás, iniquices e vodus: experiências poéticas e narrativas”, aprovado pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), coordenado pelo Prof. Dr. Gildecide Oliveira Leite. O artigo tem por finalidade abordar, a partir do método comparativo, aspectos da mitologia afro-brasileira presentes no livro *Festa do Bomfim* de Zora Seljan (1958). Desta forma, serão elencados elementos fundamentais, que compõem a narrativa tais como características e comportamentos das divindades pertencentes à mitologia afro-brasileira, além de símbolos e crenças constitutivos do candomblé, religião de matriz africana. Portanto, objetiva-se com esse trabalho, evidenciar a maneira com a qual a autora apresentou aspectos da mitologia e cultura afro-brasileiras e como os aproveitou para a construção do enredo.

Palavras-chave:

Mitologia Afro-brasileira. Festa do Bomfim. Zora Seljan.

RESUMEN

El presente estudio es uno de los frutos del subproyecto de Iniciación Científica “Oloíê Zora Seljan y su *Festa do Bomfim*”. Este subproyecto se enmarca dentro del proyecto “Xangô, la corte de Orixás, inquietudes y vudú: experiencias poéticas y narrativas”, aprobado por el CNPQ (Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico), coordinado por el Prof. Dr. Gildecide Oliveira Leite. El artículo tiene como objetivo abordar, desde el método comparativo, aspectos de la mitología afrobrasileña presentes en el libro *Festa do Bomfim* de Zora Seljan (1958). De esta manera, se enumerarán elementos fundamentales que componen la narrativa, como las características y comportamientos de las divinidades pertenecientes a la mitología afrobrasileña, así como los símbolos y creencias que constituyen el Candomblé, una religión africana. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo es resaltar la forma en que la autora presentó aspectos de la mitología y cultura afrobrasileña y cómo los utilizó para construir la trama.

Palabras clave:

Mitología afrobrasileña. Partido Bomfim. Zora Seljan.

⁵⁸ Bolsista de Iniciação Científica (IC) do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

1. Introdução

O presente artigo visa abordar aspectos da mitologia afro-brasileira vigentes no livro *Festa do Bomfim*⁵⁹, de Zora Seljan. Serão analisados comportamentos, crenças e características dos orixás presentes na narrativa, assim como a relação existente entre eles.

Além disso, um conceito a ser discutido é o de mito. Normalmente, este é denominado como sinônimo de mentira, no entanto, aqui será trabalhado enquanto narrativa primordial. Outro fator de suma importância a ser mencionado é o fato de Zora Seljan ser uma autora de axé. Esta explicita em seus textos somente o que lhe é permitido, preservando assim o segredo, sem deixar de divulgar a cultura, a mitologia afro-brasileira.

Sendo assim, objetiva-se com esse trabalho evidenciar de que forma a autora viabiliza os aspectos da mitologia afro-brasileira na narrativa e perceber o quanto esses são essenciais para desconstruir estereótipos, delinear valores e ampliar conhecimentos.

2. Zora Seljan e a mitologia afro-brasileira

A intolerância religiosa é um problema, que ainda se faz presente na sociedade atual. Visando isso, há em torno da mitologia afro-brasileira um olhar preconceituoso e intolerante por parte de muitas pessoas, que não se permitem descobrir a vasta riqueza pertencente ao outro, por conta da visão estereotipada, construída ao decorrer dos anos. Sendo assim, os mitos e todos os fatores intrínsecos à tal mitologia remetem à nossas raízes e possuem grande importância, principalmente no combate à intolerância e ao preconceito.

Diante disso, é importante salientar o conceito de mito, provocando, assim, uma ruptura, tendo em vista que, para muitos, este é sinônimo de mentira. Segundo Chauí (1993) e Massaud Moisés (1995), citados por Leite (2007, p. 96) mito “(...) é uma narrativa primordial; uma narrativa que explica comportamentos, crenças, algo com força de lei”. Portanto, de maneira oposta ao que é manifestado no âmbito social, Leite (2007) afirma que

⁵⁹ Será preservada a grafia Bomfim, quando referir-se ao livro de Zora Seljan. Entretanto, ao fazer referência ao Senhor do Bonfim fora da peça de Zora Seljan será utilizada a grafia Bonfim, conforme site do santuário: <https://santuariosenhordobonfim.com/>.

O conceito de mito aqui utilizado é de verdade, narrativa verdadeira, pois se há alguém que acredita na narrativa e ela serve como modelo para determinada ou determinadas sociedades, grupos, comunidades, não cabe chamá-la de mentira. (LEITE, 2007, p. 96)

Logo, o mito deve ser compreendido como algo verdadeiro, que explica comportamentos, crenças e legitima a representação social e cultural. Dessa maneira, Zora Seljan (1958) faz uma abordagem enfatizando os valores, a cultura, o que permeia esta mitologia, mantendo o compromisso e respeito com o objeto pesquisado. Sendo assim, é considerada uma autora de axé, pois evidencia o que lhe é permitido, sem deixar de preservar o segredo. Sobre esse conceito, Leite (2018) afirma que

Autores e autoras de axé autorizados a verem os segredos, se autora ou autor de axé de fato, só falarão aquilo que foram autorizados a falar. Como disse o internauta Georgetes Amor Divino: “O mais importante é apreciar e se calar”. (LEITE, 2018, p. 135)

Portanto, nota-se o compromisso de Seljan (1958) com a religião, o cuidado e respeito que tem ao trabalhar com os elementos pertencentes à cultura afro-brasileira. Diante do exposto, é de suma importância estudar os mitos, comportamentos, crenças, além da mitologia e cultura afro-brasileiras como um todo. Para que assim, possam ser consolidados diálogos baseados na alteridade positiva e ruptura no que tange à segregação e intolerância religiosa.

3. Aspectos da mitologia afro-brasileira

Neste tópico, será possível analisar alguns dos aspectos da mitologia afro-brasileira, vigentes na peça “Festa do Bomfim”, que são de suma importância para compreender a construção da autora com base na cultura afro-brasileira. Alguns dos elementos apresentados serão comportamentos e características dos orixás, além de rituais, que permeiam tal religião de matriz africana.

As personagens são entidades parte de tal mitologia. Para Reginaldo Prandi (1997), segundo “(...) o candomblé, cada pessoa pertence a um deus determinado, que é o senhor de sua cabeça e mente e de quem herda características físicas e de personalidade” (PRANDI, 1997, p. 12). Sendo assim, o autor deixa explícito, que no candomblé, cada indivíduo possui características físicas e de personalidade semelhantes a de seu orixá, visto que os orixás têm comportamentos e características dos huma-

nos. O autor afirma e complementa esse fator em outro fragmento de seu texto

Embora na África haja registro de culto a cerca de 400 orixás, apenas duas dezenas deles sobreviveram no Brasil. A cada um destes cabe o papel de reger e controlar forças da natureza e aspectos do mundo, da sociedade e da pessoa humana. Cada um tem suas próprias características, elementos naturais, cores simbólicas, vestuário, músicas, alimentos, bebidas, além de se caracterizar por ênfase em certos traços de personalidade, desejos, feitos, etc. (PRANDI, 1997 p. 12)

Dessa maneira, as divindades pertencentes ao enredo são Oxalá, Oxaguian, Exu, Oxum, Nanã⁶⁰, Xangô e Airá. Além desses, Iemanjá, Iansã e Oxóssi são mencionados no decorrer da peça. A análise de arquétipos e de representações dos referidos mitos ajudará no entendimento de leitores leigos e/ou distantes do universo afro-brasileiro.

3.1. Exu

Exu é “(...) com certeza, o membro mais famoso do panteão afro-baiano” (MAGALHÃES, 2015, p. 92). Diferentemente do que muitos pensam, esta divindade não é maléfica, e sim, protetora. A saudação a esta divindade é “Laroiê”. Suas cores são o vermelho, preto e branco. Tem como instrumentos o gorro, ogô e ganchos, é considerado o senhor das oferendas. É uma personagem, que pouco aparece na narrativa. Oxalá o fez do mesmo barro de Omolu, o que acabou despertando em Nanã uma fúria, pois não foi agraciada com os filhos que desejava. O deus da criação explica a Oxaguian a natureza de tal divindade e o motivo pelo qual o moldou dessa maneira.

OXALÁ- Era preciso nascer uma criatura capaz de estimular o movimento. Um orixá indiferente ao bem e ao mal, executor irresponsável das ordens do destino. Criança louca sem consciência dos favores ou misérias que esparrama.

OXAGUIAN- E deste-lhe o privilégio de conhecer o futuro que ele trocou com Ifá pelo direito de receber as primeiras homenagens nos sacrifícios. E consentiste no arranjo que fez com Ogum para guardar os caminhos. (SELJAN, 1958, p. 34)

Sendo assim, como guardião das tradições é “(...) capaz de ferir o próprio pai” (SELJAN, 1958, p.35). Ele pode entrar e sair de qualquer ambiente sem nenhum impedimento, não à toa é denominado o orixá

⁶⁰ Será utilizada a grafia Nanã, seguindo o modelo atualizado de Ildásio Tavares. Contudo, nas citações de trechos da peça será mantida a Nanan, conforme Zora Seljan.

mensageiro. De acordo com Tavares (2000), “Exu é o responsável pelo funcionamento de tudo no candomblé, desde sua presença como mensageiro dos orixás para os homens, completando-se com seu papel de mensageiro dos homens para os orixás” (TAVARES, 2000, p. 113).

Além disso, na citação, Oxaguian ressalta o fato de Exu ter trocado com Ifá o privilégio de conhecer o futuro pelas primeiras homenagens nos sacrifícios. Sobre isso Prandi (1997) afirma que em “(...) qualquer cerimonia é sempre o primeiro a ser homenageado, para se evitar que se enraiveça e atrapalhe o ritual ” (PRANDI, 1997, p. 13) e Carneiro (2008) complementa que eis “(...) por que o primeiro dia da semana lhe é dedicado: os dias subsequentes correrão felizes, suavemente, sem perturbações nem intranquilidades” (CARNEIRO, 2008, p. 69). Desta maneira, percebe-se o quanto Exu é capaz de promover mudanças e ditar ordens, “(...) é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, não respeita limites, e, assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu” (PRANDI, 2001, p. 50).

De acordo com Magalhães (2015, p. 92), “Exu frequenta as encruzilhadas, senhor de todos os caminhos”. Esse é um fator nítido na história, as três vezes que Oxalá se deparou com ele, estava sentado em uma encruzilhada o aguardando para mais uma de suas travessuras

EKÉDE: Oxalá saiu de madrugada. Como era idoso, ia devagar, apoiado no seu pachorô.

No meio do caminho encontrou-se com Exu, que estava sentado numa pedra, junto de uma baita quartinha de azeite. Exu saudou o velho e pediu-lhe que o favorecesse, ajudando-o a erguer sua encomenda. Sem maliciar, Oxalá agachou-se, penosamente por causa do reumatismo e fez força, com mais dificuldade ainda. Assim que se viu servido, Exu virou a quartinha, entornando-lhe o azeite, da cabeça aos pés.

Muito satisfeito, desandou a pular, rindo e caçoando do velho. Este não disse nada. Afastou-se carrancudo, procurou uma fonte, banhou-se com o sabão da costa, vestiu roupa limpa e deixou a suja em oferenda. (SELJAN, 1958, p. 41-2)

Nota-se que Exu instaura o caos, testa os seres humanos. Tavares (2000) explica isso como uma forma deste orixá despertar no homem a consciência do ser, um aviso de que algo não vai bem, já que em momento de tranquilidade não se percebe sobre o mal e foi justamente o que ocorreu com Oxalá quando se deparou com as travessuras desse filho em seu caminho, era essa a mensagem que ele queria passar.

3.2. Oxalá

A peça gira em torno de Oxalá, que é “(...) o orixá supremo, o mais poderoso e pai de todos, por isso é saudado Rêpa Babá” (TAVARES, 2000, p. 37). Através dessa característica, pode-se perceber que ele é associado ao Senhor do Bonfim, na Bahia, Jesus Cristo, e também à Lavagem do Bonfim, que acontece na quinta-feira, que antecede o segundo domingo após o dia de santo reis. É caracterizado como o Deus da criação e tem o poder de modelar seus próprios filhos. Em uma de suas falas é possível identificar isso.

OXALÁ: É simples. Sou o encarregado da procriação. Olodumaré — o senhor — esculpe os homens e as mulheres nas suas formas grosseiras. Eu faço os retoques. Coloco os olhos, o nariz, a boca, os braços, os cabelos, para que Olodumaré lhes insuffle o fogo vital. Assim sendo, tenho o privilégio de modelar meus próprios filhos. (SELJAN, 1958, p. 31)

Sua amada Nanã gostaria de ter filhos bonitos e que lhe orgulhassem, no entanto, ocorreu justamente o contrário, muito chateada, refugiou-se no reino de Xangô. Oxalá, sentindo-se culpado, decidiu ir buscá-la, enfrentando, assim, o destino. O babalorixá – adivinho⁶¹ – tentou impedir a viagem, pois ao jogar os búzios percebeu maus presságios no caminho, mas, como uma das características dessa divindade é muita firmeza nos propósitos, insistiu.

BABALORIXÁ: Ó meu amo Ifá, encarregado das coisas ocultas, tu que ouves a pulsação do tempo e sabe decifrar os augúrios, responde ao humilde sacerdote, se é do teu agrado a viagem do rei. (*Tira da roupa um saquinho e joga cinco búzios no chão*).

BABALORIXÁ: (*Diz palavras incompreensíveis e risca o dedo no ar, depois exclama muito assustado*) Meu senhor!

OXALÁ: Diz!

BABALORIXÁ: Ifá não te aconselha a viajar.

OXALÁ: Joga outra vez.

BABALORIXÁ: (*Jogando novamente*) os búzios confirmam.

OXALÁ: Que me espera?

BABALORIXÁ: Um rosário de sofrimentos.

OXALÁ: Tenta de novo.

BABALORIXÁ: (*Jogando os búzios*) O caminho está fechado.

OXALÁ: (*Levantando-se*) Irei de qualquer maneira.

BABALORIXÁ: (*Levantando-se*) É perigoso, meu senhor!

OXALÁ: Babalorixá, não estou satisfeito. Vai preparar novamente o cerimonial para consultar Ifá. Talvez alguns sacrifícios e oferendas possam dissipar os maus agouros.

BABALORIXÁ: Obedeço-te Oxalá. (SELJAN, 1958, p. 25-7)

⁶¹ Ao pé de letra o adivinho é o babalaô, pai do segredo. Entretanto, na obra como no mundo afro-brasileiro, o babalorixá ou pai de santo é também um adivinho.

O ato de jogar os búzios é um dos elementos presentes em tal mitologia. Prandi (1997) afirma que no candomblé, por meio dos búzios, é possível prever o futuro e oferendas são entregues para a solução do problema notificado. Por esse motivo, o orixá da criação sugeriu sacrifícios e oferendas, após os búzios sinalizarem os maus presságios em seu destino.

Oxalá fez o triste trajeto e de fato passou por todo o sofrimento que Ifá o alertou. As travessuras de Exu e as pernas quebradas pelos servos foram exemplos do sofrimento de Oxalá. A partir de então, a Festa do Bonfim vai ganhando sentido, pois tudo gira em torno dos acontecimentos relacionados a esse orixá. Algumas das características do senhor do pano branco aparecem de forma nítida no final da peça. Segundo Tavares “Oxalá veste branco, sempre branco e suas contas são brancas também. Seu instrumento principal é o Opaxorô”. A cor branca nesse contexto representa a purificação, assim, por conta de tudo o que sofreu no decorrer do caminho, inclusive por ter ficado sujo de carvão todos os anos, ele pede que, “Relembrando o que sofri, doravante, aqueles que se dedicarem ao meu culto devem se vestir sempre de branco” (SELJAN, 1958, p. 141). Em relação ao Opaxorô, era o instrumento que carregava quando foi abordado pelos servos, estes roubaram as franjas de pérolas e a pomba cravejada de brilhantes, que continha no cajado e fugiram para não serem descobertos.

Além disso, ainda em lembrança ao seu sofrimento Oxalá proíbe a todos “(...) de comer iguarias salgadas ou feitas no azeite. Não podem montar em cavalos, usar qualquer objeto feito com o couro desse animal ou provar de sua carne” (SELJAN, 1958, p. 141). Sendo assim, o sal e o azeite tornam-se quizilá⁶² de Oxalá, visto que por conta desses ingredientes, acabou sendo alvo de travessuras de Exu. Em relação ao animal, é por conta do mal-entendido, que ocorreu quando encontrou o cavalo branco de Xangô. Os servos do orixá da justiça, injustamente, acusaram e prenderam Oxalá pelo roubo do cavalo, sem o orixá pai nunca ter realizado tal malfeito.

Noutro fragmento, ainda pede que dignificando “(...) meu longo cativoiro, devem cultivar a virtude da paciência, sofrer com altruísmo e perdoar os inimigos” (SELJAN, 1958, p. 142). Não à toa, é considerado sereno e benévolo, além de detestar confusões, tanto que na peça muitos não entendem o motivo dele ter perdoado quem o feriu.

⁶² Tabu, interdição religiosa (CASTRO, 2005, p.329).

Um dos aspectos fundamentais é a questão da água que retira as impurezas e descarrega todas as maldades. A água é utilizada como ponto primordial no final da peça, fundamentando, assim, a Lavagem do Bonfim, uma vez que quando Oxalá é encontrado está todo sujo e sofrendo por conta da injustiça, assim, jogaram-lhe água para que purificasse os agravos. Todos foram vestidos de branco, carregando vasos de água para purificar o sofrimento, lavando o senhor do pano branco.

3.2.1. Oxaguian⁶³

Este orixá é o primogênito de Oxalá, na narrativa é quem ocupa o seu lugar, enquanto decide enfrentar o destino. De acordo com Magalhães (2015), Oxaguian configura “(...) outro aspecto do mesmo Oxalá que então se representa como um moço guerreiro, impávido, majestoso. É um rei muito valente, viril, mas alegre e cheio de nobreza” (MAGALHÃES, 2015, p. 41). Assim, é considerado uma qualidade de Oxalá, e apresenta-se como uma jovem versão desta divindade

3.3. Nanan

Em Candomblés na Bahia (2000), Ildásio Tavares enfatiza algumas características dos orixás pertencentes à mitologia afro-brasileira e uma delas é Nanan. Segundo Tavares, Nanã ou Nanan é um orixá

[...] muito poderoso [...] é um orixá muito velho, uma mãe ancestral e aparece na África toda, com nomes variados, como Nan, Nambuku, Namburuku [...]. As cores de Nanã são azul e branco o branco simbolizando a marca de Oxalá e o azul a terra pois ela é um símbolo de fertilidade que se expressa com a lama, mistura da terra com a água de onde surge toda a vida, mas para onde a vida retorna. Portanto, Nanã está também associada à morte.

O instrumento de Nanã é o ibiri que pode ser tomado, às vezes, como símbolo da criança, pelo modo como Nanã dança, aconchegando o ibiri. A saudação a Nanã é sáluba. (TAVARES, 2000, p. 43)

Na narrativa ficcional, Nanã é a mulher de Oxalá. Entristecida, refugiou-se no reino de Xangô, pois, não foi agraciada pelo senhor da criação com os filhos que almejava. Segundo Tavares (2000) ela “(...) é mãe basicamente de Omolu, mas há quem diga que ela é mãe de Oxumarê (...) Há ainda quem afirme que Nanã é mãe de Exu” (TAVARES, 2000, p.

⁶³ Será conservada a grafia Oxaguian, quando tratar-se de transcrição do texto de Seljan (1958) e a grafia Oxaguã para outras possibilidades para outras possibilidades.

43). O fragmento a seguir explicita os sentimentos desta em relação à maternidade.

NANAN: A maternidade foi o espelho que não deu meu rosto.

OXUM: Já pensaste na alegria dos peixes se pudessem conceber passarinhos?

NANAN: Meus filhos não cantam de madrugada.

OXUM: Mas inspiram respeito.

NANAN: Ou medo.

OXUM: O respeito é a canoa do amor.

NANAN: Ah Oxum, riso da fonte, tentas me consolar mas só quem já sofreu pode entender a dor alheia. Casei-me com Oxalá, o encarregado da procriação, para ter o gasto de dar a luz a um filho bonito. E o traidor me enganou duas vezes! Que a mãe terra me vingue! Que o céu o castigue! És moça e nunca sofreste. Como pode avaliar meu desespero? (SELJAN, 1958, p. 49-50)

Diante disso, é possível perceber que existe nela o anseio da maternidade, mas, o desejo de ter os filhos à sua maneira acaba despertando nessa divindade uma relação de amor e repulsa por ambos, posto que em um dado momento da peça ela comenta sobre Exu como se estivesse com saudades. No final da narrativa, Oxalá realiza o desejo da amada em ter um filho, que a acompanhe na velhice.

Além de ser associada à maternidade, “Nanan era considerada grande justiceira” (PRANDI, 2001, p. 198). No entanto, “(...) sua imparcialidade era duvidosa. Os homens temiam a justiça de Nanã pois se dizia que Nanã só castigava os homens e premiava as mulheres” (PRANDI, 2001, p. 198). Esse fator pode ser notado em uma passagem da narrativa na qual Nanã e Oxum conversam sobre a fúria de Oxóssi.

OXUM: Podes avaliar meu desatino. Não pensava só em mim. Havia Iansã, a irmãzinha que educo desde pequena. Quem iria nos hospedar, incorrendo no desagrado do poderoso rei da mata?

NANAN: Por que não me procuraste? Conheço bem a leviandade dos homens e saberia proteger-te.

OXUM: Estavas uma braveza, na maior fundura do oceano. (SELJAN, 1958, p. 52)

Em relação à “fundura do oceano”, mencionado na citação, é possível afirmar que Nanã é a “dona das águas profundas” (SELJAN, 1958, p. 16), tanto que ao final da peça, Oxalá a homenageia com a Coroa Faísca, que ficará guardada no fundo do mar.

OXALÁ: (Erguendo-se) Levanta-te, Rainha das Águas Profundas. És a ofendida, sou eu quem devo me lançar a teus pés.

NANAN: Meu senhor!

OXALÁ: (Sentando-a ao seu lado) Eis o prêmio da virtude! (Oferece-lhe a coroa, sem entregá-la ainda). Povo! Olhai bem esta jóia que será guardada no fundo do mar. (A coroa faísca). Quem jurar pela coroa de Nanã, sob pena de morte, deve dizer a verdade! (SELJAN, 1958, p. 152)

Por fim, após todo desgosto, Nanã alcançou a graça de ter o filho como sonhava, tornando-se assim a mãe de Oxumarê, o arco íris.

3.4. Xangô

Xangô é uma das figuras centrais da história. Na narrativa é o esposo de Oxum e Obá, mas há vários mitos dessa divindade que incluem Iansã como uma das esposas do rei de Oió. Segundo Tavares (2000) a “(...) ligação de Xangô com o amor é muito forte. Pode-se dizer que ele é o orixá do amor. Xangô teve várias mulheres e possuiu todos os orixás femininos” (TAVARES, 2000, p.83). Diante disso, percebe-se que uma das características desse orixá é a poligamia. Sobre isso Leite (2018) afirma que enquanto “(...) os adeptos de cristo veem agressividade e subserviência no ato poligâmico, na mitologia nagô há outros sentidos, inclusive para a maternidade” (LEITE, 2018, p.20). Além de ser associado ao amor, é caracterizado também como orixá da justiça, e por mais que receba tal designação, uma injustiça ocorreu em seu reino. Os servos confundiram Oxalá com o ladrão do cavalo branco e acabaram o maltratando, deixando-o aleijado e preso

XANGÔ: Ah meus ministros, que vergonha! Eu, o orixá da justiça, cometi sem querer monstruoso delito. Pela primeira vez um inocente foi condenado no meu reino. (SELJAN, 1958, p. 121)

Uma das características mais importantes deste orixá é, segundo Carneiro (2008) “(...) a representação das tempestades e dos raios, do trovão e das descargas elétricas” (CARNEIRO, 2008, p. 65), por esse motivo conseguiu controlar o terremoto e amenizar o desespero das personagens, como explicita a citação a seguir.

XANGÔ – (*Gritando*) Calma, gente! Povo de Xangô não se assusta com tremor de terra. Sou o dono do trovão. Vou pisar com força, para segurar o terremoto.

NANAN- Está passando.

OXUM- Xangô dominou a terra.

AS DUAS- (*Fazendo vênias*) Kauô- Kabiecile! Xangô!

CÔRO DE VOZES, LÁ FORA- Kauô- Kabiecile! Viva o Rei!

XANGÔ- (*Sapateando*) Ah terra madraستا! Que mal te fiz eu?

2ª IAÔ- (*Entrando*) Está chovendo sangue!

OXUM- (*Assustada*) Então é coisa do céu.

NANAN- Que faremos?

XANGÔ- Chamai os escravos e os servos! Vamos ao templo levar nossas oferendas. (SELJAN, 1958, p. 66-8)

Outro aspecto pertencente a Xangô e muito nítido na peça é a generosidade e hospitalidade. Nanã e Oxum são exemplos disso, sendo que foram acolhidas pelo orixá da justiça em momento de apuros. A primeira por ter fugido do reino de Oxalá após ficar chateada com ele e a segunda por ter se separado de Oxóssi, tornando-se assim uma de suas mulheres. O reino de Xangô era muito farto, rico e com muita vitalidade. Segundo Leite (2018, p.21) “(...) diz-se na Bahia que Xangô é o homem do dinheiro, senhor de fortunas”.

No entanto, a prosperidade, que reinava foi dando espaço à miséria e o reino, que era tão rico, ficou dilacerado por sete anos, afetado pela praga, infertilidade dos solos e das fêmeas, sendo isso reflexo da injustiça cometida com Oxalá pelos servos.

XANGÔ: Como se não bastasse o inexplicável desaparecimento de Oxalá, a mão do Céu castiga meu reino e dízima meu povo.

ABIÔDÚM: Faz sete anos que não chove.

XANGÔ: Faz sete anos que a praga devora os campos.

ABIÔDÚM: Sete anos de seca, sete anos de peste.

XANGÔ: As mulheres não têm filhos.

ABIÔDÚM: As fêmeas não dão crias.

OLUGBÃ: E a fome, meu senhor? (SELJAN, 1958, p. 113-14)

Iansã, dona do vento, que na narrativa é a irmã de Oxum, foi quem conseguiu falar com Ifá sobre os acontecimentos dos últimos sete anos no reino de Xangô, pois o babalorixá já não tinha mais o poder da adivinhação. Assim, ele revelou sobre o velho, que havia sido preso injustamente e que por conta disso, o reino padecia. Então, Xangô e os demais empenharam-se na busca do senhor e quando descobriram de quem se tratava sentiu-se desonrado. Como forma de se redimir, deixou seu filho Airá, também conhecido como Xangô menino, às ordens de Oxalá para sempre.

3.5. Oxum

Oxum, considerada a esposa favorita de Xangô, é a iabá⁶⁴ da beleza. Segundo Prandi (1997) é a “Deusa da água doce, do ouro, da fertilidade e do amor” (PRANDI, 1997, p. 14). Seu instrumento é o abebê, um

⁶⁴ Orixá feminino.

leque circular comum espelho. A cor desta divindade é o amarelo ouro e assim como todos os orixás da água, o seu dia é sábado.

Na peça, é a filha de Iemanjá e irmã de Iansã. Era casada com Oxóssi, rei da mata, mas tudo mudou depois que o caçador convidou Xangô para uma ceia em sua casa, foi em busca de um animal para servi-lo e ao chegar, encontrou a esposa deitada no mesmo quarto que dono do trovão. Por ser a sensualidade uma de suas características, Oxóssi não descartou a possibilidade de que Oxum estaria de fato com Xangô, mas, esta negou tal envolvimento, afirmou que este “(...) repousava aos pés do leite, como se fosse uma criança” (SELJAN, 1958, p. 51). No entanto, Oxóssi não acreditou, como vingança, jogou-lhe um ebó para que não existisse no mundo beleza perfeita

OXUM – A beleza foi manchada, ai de mim. Oxóssi me jogou um ebó tão forte que ninguém poderá desfazê-lo.

NANAN – Não vejo sinais de tal praga.

OXUM- Minhas pernas, claras como o leite, estão foveiras. Ele soprou um pó que veio se grudar na pele. Não há banho de folhas, nem água de chuva capaz de limpá-lo.

NANAN – Deixa-me vê-las.

OXUM – Vê, Nanã, vê se não tenho razão para me considerar desgraçada!

NANAN – Mas só isto, Oxum? Manchinha sem importância, coisa que nem se nota. Minha pele fica também opaca no frio. É como se a empoasse com farinha cheirosa.

OXUM – Agradeço teu consólo, mas esta nódoa é desonra. Oxóssi soube escolher sua vingança. Daqui para frente não haverá mais beleza perfeita no mundo. (SELJAN, 1958, p. 55-6)

Após o ocorrido, Oxum passou a viver com Xangô, tornando-se uma de suas mulheres. Em uma das passagens da peça, Xangô reconhece os domínios de Oxum como a fertilidade, a riqueza e deixa explícito que ela levou muita sorte para o reino tu “(...) me destes sorte. Nunca se viu fatura igual e cada vez aumenta mais” (SELJAN, 1958, p. 80). Outro aspecto dessa divindade, que pode ser percebido no desenrolar da história é a mediação. Ela intermediava algumas ações do reino, procurando soluções para os problemas que surgiam.

NANAN- És uma boa dona de casa, Oxum.

OXUM- Procuo resolver os problemas domésticos sem aborrecer Xangô. (SELJAN, 1958, p. 63)

Diante do exposto, é possível perceber que para além da sensualidade e vaidade que são colocados como elementos principais desta, Oxum é um orixá muito poderoso, tanto que, segundo Tavares (2000) ela é

“(…) dona do líquido amniótico, do fluxo menstrual, da gestação e do parto” (TAVARES, 2000, p. 51) e que “(…) preside sobre os mistérios da vida” (TAVARES, 2000, p. 51).

4. Considerações finais

Desta forma, nota-se que Zora Seljan por meio dos mitos e das divindades de sua narrativa, legítima e representa uma cultura carregada de valores e significados, que infelizmente ainda é alvo de discriminação por aqueles que vivem guiados pelo racismo e pela intolerância. Sendo assim, percebe-se o quanto a mitologia afro-brasileira é rica e possui aspectos de suma importância que ampliam o conhecimento, promovem a valorização de nossas raízes e buscam romper com a intolerância e preconceito que ainda estão enraizados na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia* (um vocabulário afro-brasileiro). 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e racismo: aula inaugural na FFLCH – USP em 10.03. 1993. *Revista Princípios*, n. 29, p. 10-16, São Paulo, junho-julho de 1993. Disponível em: <https://santuariosenhordobonfim.com/> Acesso em: 18 de março de 2021.

LEITE, Gildeci de Oliveira. Literatura e Mitologia Afro-baiana: encantos e percalços. In: ____ (Org.). *Recôncavo da Bahia Educação, Cultura e Sociedade*. Amargosa-BA: UFRB, 2007.

_____. *Pensamento Insurgente: direito à alteridade, comunicação e educação*. Salvador: EDUFBA, 2018

_____; RAMOS, Ricardo Tupiniquim (Orgs). *Leituras de Letras e Cultura*. V. I. Salvador: Quarteto, 2018.

MAGALHÃES, Elyette Guimarães de. *Orixás da Bahia*. 6. ed. Salvador: Assembleia Legislativa, 2015.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1995.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Cia das letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Exu, de mensageiro a diabo*. São Paulo: Revista USP, 2001.

PRANDI, Reginaldo. Deuses africanos no Brasil. In: _____. *Herdeiras do axé*. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 1-50

SELJAN, Zora. *Festa do Bomfim*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

TAVARES, Ildásio. *Candomblés na Bahia*. Salvador: Palmares, 2000.